

O Museu de Arte do Rio Grande (MARGS) apresenta a exposição *Manifesto: Poder, Desejo, Intervenção*, uma exposição de grande envergadura que trata especificamente das relações entre arte e política. Concebida por meio de uma abordagem inovadora do assunto, incluindo obras que articulam uma nova dimensão da experiência da arte diante de suas inclinações políticas, a exposição invoca diversas possibilidades de visibilidade e legibilidade acerca do assunto. Por vezes, a política aparece nestas obras como pura manifestação estética; outras vezes, como fundamento da forma e, em muitos casos, como inclinação explícita acerca da disposição militante que engendram graças à sua conformação artística.

O Brasil possui uma vasta tradição de “arte política”, e há no acervo do MARGS um conjunto significativo de obras que se inclinam a tal disposição pelas mais diversas abordagens. *Manifesto* é uma exposição que tem como centro gravitacional o acervo do museu, obras de outras coleções e empréstimos de obras de artistas. A abordagem dessa exposição também considera a história progressiva de determinadas exposições que banalizaram excessivamente a introdução de um conteúdo, abordagem ou disposição da política na arte, muitas delas negligenciando justamente a densidade artística e priorizando em demasia a militância instrumentalizada da politização estética da visão artística.

Nesse sentido, *Manifesto* é uma plataforma que enfatiza a determinação da exposição em investir em um campo de abordagem que venha a considerar a experiência estética como relevante e essencialmente política, assinalando sobretudo uma disposição para a consciência da força da intenção artística que determina a possibilidade de construir uma exposição que é inovadora nesse assunto. Além disso, a exposição possibilita uma profunda reflexão em relação ao papel da arte na atualidade e às diversas formas que esta tem tomado em manifestar-se, sem que necessariamente seja preciso vislumbrar uma condição “panfletária” de abordagem curatorial, tanto em relação aos novos modelos como em relação à individualidade das obras.

O MARGS está empenhado em que possamos ter a possibilidade de realizar no museu exposições que nos permitam vislumbrar novos modelos de exposições, por meio das mais diversas abordagens conceituais, voltadas inclusive para uma produção vista agora sob outro olhar e capaz de contribuir decisivamente para a criação de uma tradição artística que o museu tem colaborado gradativamente para sedimentar. A dimensão política dessas exposições constitui-se de diversas formas, inclusive aquela de inserção da produção de obras não canônicas, abrindo a história da arte para um campo mais aberto de inclusão, portanto ele mesmo essencialmente politizado.

Gaudêncio Fidelis
Diretor do MARGS

O sentido da política, para Hannah Arendt, é a liberdade. Para a filósofa alemã, a política existe como um ato relacional, ou seja, a viabilidade do agir político depende da interação dos indivíduos em uma comunidade. Por isso, a ação política seria o exato contrário da violência, pois o domínio físico seria a anulação da comunicação, do debate. Entre a ponta da baioneta e o ser humano, não há diálogo, há tão somente medo. Sendo assim, seria somente na capacidade humana de pensar junto que se instituiria a política e a liberdade.

Atualmente, estamos tão adaptados ao utilitarismo que uma visão generosa da ação política parece por demais sonhadora. Uma vez que, para a maioria, seu sentido é apenas o de gerar melhorias na educação, a saúde, a segurança, etc., ou seja, a atividade política foi transformada em mera habilidade técnica. Deste modo, passou a responder a questões que na verdade lhe são exteriores. Sendo transformada em quase sinônimo de administração, o critério do bom exercício político passou a ser a quantidade de bens materiais que os governos podem proporcionar. Esvaziou-se a capacidade de produção de significado da ação deliberativa e, com isso, a política tornou-se mais uma instância sem sentido numa sociedade abarcada pelo consumismo e pelo tecnicismo.

Diante disso, retornar ao pensamento de Hannah Arendt permite descortinar novas questões para o debate acerca do significado da política em nosso tempo. Quando estamos envolvidos em um mar de informação, é instigante a compreensão da ação política a partir de suas características intrínsecas, ou seja, por meio da possibilidade de dar sentido a um mundo aparentemente em descontrole. A deliberação livre torna o sentido compartilhado e, assim, afasta a privatização da produção de significado na esfera do mercado. Para esta exposição, tal análise faz ainda mais sentido, uma vez que a abordagem filosófica de Arendt do tema foi uma aproximação com a análise da estética de Kant.

A estética kantiana apontava que a construção de sentido na arte depende da comunidade dos homens. A compreensão sempre é relacional. Então, o debate sobre a arte e sobre a política partiriam de um mesmo ponto: a necessidade de compartilhar regras comuns para a validade do debate, mesmo que tal inclinação seja subjetiva. Portanto, as duas instâncias nasceriam da permissão do dissenso. Por isso, a ação política e a arte instigariam os seres humanos a pensarem sobre sua condição no mundo.

Ao entender a arte como produção de diferença, ela transforma-se em elemento questionador do sentido das coisas no mundo. Segundo Kant, o exercício do artista é o de explorar as fronteiras da produção de “satisfação desinteressada” e, com isso, torna-se manifestação plena da pluralidade humana. Se avaliamos sob esse prisma, há uma complementação entre a arte e a política, pois há um constante cruzamento dessas esferas. Então, retomar a visão da política como exercício da liberdade significa reaproximá-la da arte.

A liberdade ensina o desejo. A arte questiona o mundo. No entanto, tanto a política quanto a arte são atravessadas pelos desígnios do poder. Usualmente, o poder se manifesta como violência, tanto física, quanto simbólica. Muitas vezes, particularmente na história da arte brasileira,

a arte se insurgiu contra a violência. Por exemplo, a arte de tempo de opressão surge como uma busca pelo retorno da política, pelo retorno da liberdade. A arte também se insurgiu contra violência simbólicas, como na arte feminista ou queer.

Mas, algumas vezes se submete à sedução dos poderes quando não questiona as negociações privadas de favorecimentos, elogios, compadrios e afins que diminuem o sentido da ação política e da produção artística. Por isso, de tempos em tempos, somos chamados à intervenção. Na política e na arte, a intervenção tem um sentido de protesto. Intervir é questionar, debater, contribuir para transformar. Ao longo da história da arte, inúmeras vezes a arte interveio na política em busca da liberdade.

Manifesto: Poder, Desejo e Intervenção é uma exposição que procura intervir na história das exposições que utilizaram as relações entre a política e a arte como plataforma. A exposição busca ir aos limites das relações possíveis entre as duas esferas. O centro gravitacional do Manifesto são as obras do acervo do MARGS. Elas serão apresentadas com outros trabalhos de artistas que exploram as relações e os conflitos entre política e arte em sua construção. Assim, ao expandir os horizontes da temática proposta, questiona tanto a “arte da política”, quanto a “política na arte”.

Esta exposição se inscreve numa longa história de exposições que exploram os conflitos sociais em sua abordagem curatorial. Entre tanto, sua abordagem é politizadora da história da arte e questionadora das visões “politiqueiras” da curadoria neste tema. Considera-se que é preciso perguntar: quais os limites entre o ativismo social e a atividade artística? Em que momento a arte passa a ser mera ilustração de uma plataforma política? É possível desenvolver uma exposição que aborde o horizonte político e mesmo assim ter grande densidade artística?

De antemão, nem todas as respostas estão prontas. Espera-se que a exposição seja um espaço compartilhado de construção de sentido. Afinal, em nosso planeta globalizado, as coisas surgem confusas e a arte abre espaço para a produção de significados. De certa forma, experimentar a arte, em nosso contexto, é a possibilidade de fazer realidade a aspiração de Hannah Arendt: construir sentido comum para a vivência humana.

Márcio Tavares
Historiador e Curador

REFERÊNCIAS:

- ARENDRT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
—, *A dignidade da política: ensaios e conferências*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1993.
RANCIÈRE, Jacques. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34, 2009.